

Inglese aumentam a provisão para os devedores duvidosos

por Tom Camargo
de Londres

Os principais bancos comerciais ingleses mantêm-se cautelosos quanto aos próximos desdobramentos da crise da dívida internacional. Os números de seus balanços semestrais traduzem com clareza tal preocupação.

Ontem, o Barclays Bank PLC, o maior banco comercial da Grã-Bretanha e o sexto maior do mundo (classificação da revista *The Banker*), anunciou que nos seis meses terminados a 30 de junho aumentou em 12,7% suas provisões para devedores duvidosos, quando comparadas às do mesmo período do ano passado.

Isso significa, convertendo-se libras esterlinas em dólares de ontem, que as provisões para devedores duvidosos passaram de US\$ 268,5 milhões para US\$ 302,6 milhões.

Desse valor US\$ 247,5 milhões referem-se a provisões específicas e US\$ 55 milhões a provisões gerais. No caso das específicas, US\$ 136,2 milhões destinam-se a operações internacionais, notadamente as de risco soberano, isto é, empréstimos feitos a países.

Sir Timothy Bevan, "chairman" do Barclays, disse numa entrevista coletiva que "o aumento reflete a existência de persistentes problemas com devedores domésticos e internacionais".

RISCOS

As provisões gerais são aquelas que os bancos ingleses fazem sem ter realmente um problema em especial. Em seus últimos balanços semestrais e anuais, parcelas de riscos assumidos em países foram jogadas nessa rubrica. Os bancos acreditam, desta forma, que poderão ter problemas com um credor, mas que não sofrerão perdas completas.

As provisões específicas, um indicador mais fidedigno do grau de pessimismo do credor, devem proteger o banco de perdas dadas como certas.

O Barclays anunciou também que conseguiu recuperar, no primeiro semestre, cerca de US\$ 8 milhões que já haviam sido riscados de seus livros.

Na terça-feira passada, o National Westminster, segundo maior banco inglês e décimo segundo do mundo, ampliou de US\$ 176,8 milhões (no primeiro semestre de 1983) para US\$ 209,6

O "ranking" da Fortune

As oscilações cambiais alteraram fortemente a classificação das instituições bancárias comerciais não norte-americanas na lista das cem maiores da revista *Fortune*, informou a publicação em seu último número.

O Banque Nationale de Paris, que ocupou o primeiro lugar nos últimos três anos, caiu ao quinto posto, em consequência da queda de quase 20% do franco em relação ao dólar. Pela primeira vez, desde 1971, nenhum banco francês se classificou entre os três maiores.

Embora os bancos japoneses continuem a figurar entre os dez maiores, caíram dos quatro primeiros lugares pela primeira vez desde que a *Fortune* começou a divulgar a relação, em 1968. Os japoneses dispõem de 28 bancos na lista da *Fortune*, um número supe-

rior ao de qualquer outra nação. A França e a Alemanha Ocidental figuram em segundo lugar, com onze bancos cada.

O banco japonês Dai-Ichi Kangyo ocupou o primeiro lugar na lista da *Fortune*, com ativos de US\$ 116 bilhões, subindo em relação ao quinto posto do ano passado. O Fuji Bank passou do sétimo ao segundo lugar, seguido pelo Sumitomo Bank, que estava no décimo posto no ano passado. O quarto lugar foi ocupado pela Mitsubishi Bank, que saltou do nono posto.

O mais lucrativo dos cem bancos em 1983, ignorando-se instituições de países onde taxas inflacionárias de três dígitos distorcem os resultados financeiros, foi o Svenska Handelbanken, o segundo maior da Suécia. (AP/Dow Jones)

milhões sua provisão para devedores duvidosos.

Como o Natwest é, entre os ingleses, o menos comprometido com operações no Terceiro Mundo, US\$ 87,7 milhões foram destinados a cobrir problemas no setor doméstico, US\$ 68,1 milhões no internacional e US\$ 53,7 milhões alocados para a provisão geral.

Estes US\$ 68,1 milhões para a área internacional representam, todavia, mais que o dobro do reservado para o mesmo fim nos primeiros seis meses de 1983. Os riscos domésticos parecem ser menores no futuro próximo, pois os US\$ 87,7 milhões destinados a cobri-los representam cerca de 20% a menos que o previsto no ano passado.

"O substancial aumento nas provisões específicas para a área internacional", disse lord Boardman, "chairman" do Natwest, "relaciona-se basicamente com operações de risco soberano."

O banco informou, também, que dentro das provisões gerais incluiu "algo" para amenizar eventuais problemas com dívidas de países.

"Nossa atual percepção de risco, em nosso portfólio internacional", salientou o lord Boardman, "não permitirá senão um acréscimo da ordem do que foi feito."

O total acumulado da provisão para devedores duvidosos do Natwest está na casa dos US\$ 968 milhões, US\$ 386,4 milhões

US\$ 162,4 milhões referem-se a operações do Crocker International, o banco norte-americano do qual o Midland é o principal acionista. Restariam assim pouco mais de US\$ 34 milhões para acudir ao Midland. Só na Argentina o banco tem cerca de US\$ 400 milhões em empréstimos (ou US\$ 760 milhões, incluindo-se o Crocker).

O total da provisão para devedores duvidosos do grupo Midland passa agora para US\$ 920,9 milhões.

LUCROS SOBEM

Tanto o Barclays quanto o National Westminster mostram lucros na ascendente, apesar do aumento nas provisões para devedores duvidosos e da diminuição de lucros retidos, por força de modificações na legislação bancária britânica introduzidas com o último orçamento.

O Barclays apresentou um aumento de 17,5% nos seus lucros pré-impostos, elevando-os de US\$ 343,2 milhões no primeiro semestre de 1983 para US\$ 403,4 milhões nos seis meses até 30 de junho. O Natwest aumentou seus lucros de US\$ 301,3 milhões para US\$ 377,2 milhões.

Ambos referiram-se em seus relatórios a melhorias substanciais tanto na obtenção de margens quanto nos ganhos com comissões.

O Midland, por culpa do Crocker International, que enfrenta problemas com uma superdimensionada carteira de empréstimos na área imobiliária (além de percalços administrativos e comprometimentos significativos com países devedores), teve seus lucros cortados quase que pela metade: US\$ 91,7 milhões em comparação com US\$ 178,1 milhões escriturados no primeiro semestre do ano passado. O Crocker teve prejuízos de US\$ 61 milhões nos primeiros seis meses de 1984.